

Mulheridades: das pluralidades à singularidade na clínica

Taís de Andrade Fiscina de Oliveira¹

Introdução

Ser mulher, terapeuta, professora e buscadora acadêmica dizem respeito a uma combinação de papéis existenciais, ou mesmo modos de ser, que me requerem atenção, esforço e dedicação no trabalho de fazer ou permitir que haja combinações entre estes fatores para formar um todo composto de elementos que se interligam em minha estruturação a partir de minha história de vida.



Cada papel existencial deste parece trazer um subconjunto de questões que me movem em direção ao conhecimento e ao autoconhecimento, aos meios preferenciais de expressão de quem eu sou e de receber quem o outro é, assim como me levam a perceber a qualidade de minhas interações em cada âmbito ou grupo do qual faço parte.

Além disso, movem-me a uma tentativa de compreender o mundo de nossa época, o mundo em que estou, e no qual transito como me for possível, a cada momento, percebendo e/ou construindo e reconstruindo significados existenciais em minha inteireza.

Com este olhar plural, vejo-me como singularidade, em meio a tantas outras, e vejo o mundo como uma mulher; e sobre isto estarei aqui traduzindo pela escrita o que está em mim no então tempo presente de modo que eu mesma me pergunto: como então falar sobre como é *ser mulher* em meio ao contexto atual?

A escrita é um modo de expressividade que muito me apraz e aqui estamos a nos manifestar para a(o) leitora(or) e para mim mesma, vendo-me como escritora.

¹ Professora convidada do IMFIC e filósofa clínica. taisfiscina.dasoliveiras@gmail.com



Eis a importância deste projeto de mulheres como autoras a chamar a atenção para a manifestação feminina, sem, com isso, pretender defender que haja um outro padrão de substituição ao existente, mas, sim, uma voz a ampliar a expressividade humana que cultive as mulheridades de modo a tornarmos mais visíveis nossas pluralidades e singularidades na base categorial em que coexistimos.

Ser mulher: nosso mundo e o mundo

Entendo a questão da mulheridade como identidade em si mesma, em qualquer mundo em que vivamos, chamo-a de ser mulher, como um mundo feminino, em meio ao mundo padrão.

Ser mulher, para nós, é uma identidade que independe do corpo em que habitamos, independe do sensorial que há em nós e para nós. Ao mesmo tempo, também percebemos influências do mundo sobre as pessoas, o que nos alcança e se mostra em diferentes manifestações da mulher, como nos valores, nos pré-juízos, nas ações e experimentações.

Considerando que não somos entidades metafísicas, mas seres humanos compondo um contexto cultural, as circunstâncias que nos envolvem nos situam no espaço e no tempo e tanto influenciamos como somos influenciadas por tal.

Sendo assim, o *ser mulher* traz uma condição existencial que nos coloca uma questão feminina antiga e, cada vez mais, inadiável em virtude de estarmos numa sociedade predominantemente masculina, também comumente conhecida como patriarcal, na qual há uma valorização maior ao que é masculino em detrimento do que é feminino, ainda quando não percebemos tais ocorrências.

A importância de reconhecermos que homens e mulheres ainda são vistos de forma valorativa, e não realista, em suas diferenças, mostra-nos que a padronização cultural masculina ainda tende a um não reconhecimento da singularidade feminina como a diminuí-la em importância, autovalidação, eficácia e vivacidade, enfim, em sua singularidade.

Pode-se ainda considerar que falar sobre este tema seria desnecessário, mas não é de todo desconhecido que ainda subjazem concepções, preconceitos, sejam expressos ou tácitos, disfarçado ou escondido, ao gênero feminino, em nosso cotidiano, e não somente em grandes eventos sociais.

Considerando que, desde a chegada em nossa base categorial, com a existência da família, dos primeiros ao último anos de escola e universidade, podemos perceber que, na aprendizagem ou experiências múltiplas que comporão nossa história de vida, estão valores, crenças, intersecções, regras sociais ou padrões culturais diversos a retratarem como funcionam os ambientes e as relações no mercado de trabalho e nas instituições de ensino.

Tudo a nos acrescentar e a colaborar com nossa trajetória de estruturação de pensamento, porém, de modo padronizado. O mundo já está posto ao chegarmos nele. E a partir daí, cabe nos perguntar: “Quem somos nós?”.

Muitas vezes, somos educadas de maneira diferentes não por sermos diferentes em nossa unicidade, mas por sermos mulheres, tidas na conta de pessoas frágeis. À medida que caminhamos nos estudos e trabalhos diversos, podemos descobrir que há caminhos prontos diversos, mas também precisamos conquistar o nosso espaço como mulher validando nosso modo de ser enquanto mulheridades.



Nestes âmbitos, vemo-nos observando que nossos modos de ser são autênticos e que a comparação que se faz entre gêneros existe, mas podemos não cair nesta armadilha conceitual e colaborar com a voz que escreve como autora e a voz que escuta como terapeuta, de uma maneira que não precisa ser uma briga, mas uma voz a acrescentar em integração entre as diferenças, amizade, solidariedade, alteridade, sendo uma voz enriquecedora, pacificadora, múltipla de feições coloridas.

Ser mulher e terapeuta filósofa clínica

Vemos a Filosofia Clínica como um dos caminhos viáveis, além de belo, para tal caminhada, por ter como uma de suas bases a singularidade da pessoa, neste mundo padrão, pois que este não é ignorado, mas estudado por meio da pessoa que nos procura em consultório para observarmos como ela o vivencia, como é seu modo próprio em suas circunstâncias.

Isto afirmamos porque o método clínico-filosófico inaugurado por Lúcio Packter tem como características abertura e plasticidade e nos propicia nos aproximarmos de



raízes de problemas ou sofrimentos que nos dão mostras, tão claras quanto possível, do que se passa em uma pessoa que nos procura para ser acompanhada – onde me vejo como *ser mulher* ouvindo o outro de uma maneira acolhedora, respeitosa, válida e apropriada.

Podemos afirmar que o então sistematizador da Filosofia Clínica nos colocou bases metodológicas que nos conduzem neste caminho de como saber como é o outro, tendo ele definido suas bases após longos estudos e práticas de atendimento, denominadas de Historicidade, Estrutura de Pensamento e Submodos, cada qual composta por outros componentes de receptividade à estruturação da pessoa.

Portanto, receber uma pessoa, em consultório, e estar aberta a ouvi-la sem prejulgamentos é uma fase propedêutica a partir da qual solicitaremos que ela mesma relate sua história de vida para que, por meio desta escuta, encontremos meios de ajudá-la nas questões que aparecerão no fenômeno de sua expressividade (oral, escrita, desenhada, pintada, em poesia ou em prosa etc.).

Ouvimos suspendendo os juízos, as conclusões precipitadas, como um exercício clínico de aceitarmos o outro em sua subjetividade, vivenciando o acolhimento e acompanhando os dados de sua presença enquanto neste momento conversamos livremente.

O método da Filosofia Clínica favorece uma escuta sem interrupções, afinal, quando solicitamos à(ao) partilhante que nos traga sua historicidade, cuidaremos ao máximo de haver o mínimo de agendamentos a fim de não direcionarmos sua atenção para onde eu inadvertidamente quisermos, pois seria um agendamento inadequado e assim haveria uma clínica para a(o) terapeuta, em vez de deixar que a clínica seja do sujeito que nos procura e para ele.

A partir deste momento, podemos nos surpreender por realmente descobrirmos que uma outra pessoa é tão diferente de nós que seus modos de se encaminhar na vida jamais funcionariam conosco, enquanto funcionam para ele. Então, o *ser mulher*, para mim, se associa a este exercício de receber o inusitado, o desconhecido, o surpreendente, e com isto me relacionar positivamente.

E ainda diante do fenômeno da singularidade da(o) partilhante, observamos as distinções entre o que lhe foi posto e quem realmente ela(e) é, distinção entre o ser e o dever ser que a(o) constituiu. A questão referida ao aprendermos a discernir identidades,



exige cuidado com o outro, a fim de evitarmos engessar conceitos e forçarmos uma escuta preñhe de pressuposições e violências subjetivas.

Então, levando em consideração que a Filosofia Clínica trabalha com a singularidade, percebemos significados em seu modo de colocar as questões, tendo como critérios abertura, flexibilidade e reciprocidade. Isto me faz observar como *ser mulher* pode me ajudar na prática clínica, a partir do momento em que o método corresponde à uma necessidade, em meu modo de ser, como pessoa no mundo, de tentar compreender ao máximo uma outra pessoa e a mim mesma.

Também por meio de cada caso atendido, vejo meu *ser mulher* e terapeuta identificando questões que não se repetem ou que aparentemente se repetem porque apenas se assemelham, em suas interpretações diversas, e que só me resta deixar que sejam assim, pois a questão metodológica isto pede.

Porém, acrescentamos a isto, a percepção sobre a unicidade da pessoa e à singularidade da própria existência como um exercício de deixar ser aquilo que é, pelo tempo que for necessário; um exercício de fluxo e entrega.

Também, neste método, aprendemos que o que ficou denominado de Estrutura de Pensamento é uma estrutura formal que contém todos os conteúdos que vivenciamos na nossa história de vida. Não são os conteúdos, mas os lugares, as formas que os recebem e que dizem respeito ao que foi denominado de *tópicos*, sendo por isso que consideramos que nossa experiência de vida não fica perdida no mundo por ter lugar em nós mesmo(as).



Assim, podemos compreender a riqueza das diferenças entre as pessoas, sobre o que as habita em termos de seu olhar para o mundo e para si mesmas; em sua sensorialidade e em suas abstrações e emoções, pré-juízos, memórias, percepções singulares, particulares ou universais; se ela está estruturada de modo ambíguo ou mais específico ou direto; se raciocina logicamente.

Ou ainda se possui buscas ou repetições de gestos, ideias etc., se as funções estão claras aos seus comportamentos; se está mais voltada para si e seu mundo existencial ou para o outro, podendo também ter predominante o toque das coisas ou a lembrança delas,



com ou sem reflexões; se há predominância de autoboicote ou não; como se afinam ou se desafinam entre si.

E, como se não bastasse, podemos ainda notar, na escuta clínica e até, na vivência deste método clínico-filosófico em nosso cotidiano, por quais meios a pessoa se expressa e se há tal expressividade, ou mesmo, que significados dá ao que vive. Além disso, sua aprendizagem também pode ser foco de investigação metodológica e se o que ela tem de mais importante a move na existência ou as suas relações; principalmente, como se analisaria o todo da sua irrepetível e plástica Estrutura de Pensamento.

É interessante notarmos que podemos ser terapeutas com predominância epistemológica e recebermos uma(um) partilhante com predominância emocional (ou o contrário); ou sermos mais relacionais e recebermos uma pessoa com Estrutura de Pensamento em que tudo deve estar estruturado pelos fatores necessariamente relacionados à causa e efeito; ainda podemos ver uma dupla terapeuta-partilhante em que o sensorial e o abstrato sejam polarizados na relação.

Nada disso impedirá a clínica, tudo estará vivo, e, por princípio metodológico (além de por bom senso), não desmereceremos o jeito de quem atendemos para darmos soluções conforme nossos critérios pessoais, exclusivamente nossos em medidas e combinações outras infinitas. As diferenças, na prática clínico-filosófica, não são ou não deveriam ser um problema, além de serem uma das bases do nosso trabalho.

Podemos observar o que prevalece nesta pessoa como característica para percebermos tal estruturação em sua existência e um mapeamento aproximado dela ser viabilizado.

O *ser mulher* e terapeuta segue o lema da intersecção, pois o respeito à pessoa que nos procura é condição ao nosso proceder. Além disso, é incrível como cada tópico deste pode nos remeter a reflexões sobre como vivemos e nos relacionamos, sobre autoconhecimento e o que fazer com o que sabemos sobre nós mesmos(as) e outras pessoas etc. Isso tudo é muito envolvente ao nosso ver.

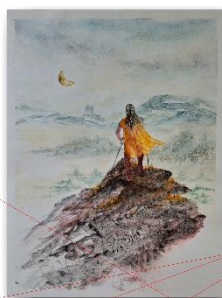
Em meio à nossa condição de *ser mulher* e terapeuta percebo cada passo do caminho como algo singular que nos levou a construções peculiares, como ao princípio de verdade do presente atendimento, em que há maior número de mulheres a procurarem terapia conosco, com suas singularidades, nas mais plurais expressividades existenciais.



Isto é, o princípio de verdade, na clínica, por vezes, indica uma maioria de partilhantes mulheres, havendo uma inversão nelas que me parece ser propiciada ou perpassada pelo *ser mulher* em conversação, não sendo isto uma generalização, pois também pode ocorrer o mesmo com o gênero masculino na relação de diferenças.

E continuando a reflexão sobre nosso envolvimento com a Filosofia Clínica, partimos para além da Historicidade e da Estrutura de Pensamento, chegando aos Submodos, que são modos espontâneos de ser de uma pessoa. Eles são expressos pela(o) partilhante e acompanhados pela nossa escuta terapêutica para percebermos se podem ajudar em nossos planejamentos clínicos.

Com outras palavras, associados aos 32 tópicos da Estrutura de Pensamento, há 30 Submodos, que podem ocorrer em combinações infinitas e são passíveis de novas descobertas e novas combinações, sendo eles indicações que formam caminhos ou sinalizações de caminhos. Percebermos, numa escuta atenciosa, se tais Submodos e suas combinações estão sendo benéficas ou prejudiciais à existência de uma(um) partilhante, sendo um papel nosso de terapeuta.



Eis a importância da escuta clínica, afinal, podemos distinguir se o que a(o) partilhante expressa, em consultório, voltou-mais para as vivências e percepções gerais ou específicas diante de um dilema; ou se ela(e) se dirige às sensações ou a ideias que se complexificam; ou ainda se faz esquemas racionais para suas resoluções ou desfechos; também percebemos se ela(e) lida melhor com a existência voltando-se mais para si ou para o outro.

Assim como se ela(e) põe barreiras em suas questões ou intersecções; procura por razões infinitas para explicar, justificar, buscar causas etc. para o que for; ou se simplesmente é criativo e se permite vislumbrar soluções inesperadas; busca por percepções sensíveis ou distantes; ou será que haverá uma(um) partilhante que tenha o hábito de acrescentar coisas, compreendendo a existência pelo que ganha e perde; roteirizando ou percebendo; explodindo ou canalizando conteúdos de maneira direcionada.

Há ainda aquela(e) que traduz todas as coisas, pois, se estiver na música, quer falar em forma de Filosofia; se algo estiver na dança, quer transformar em poesia ou em imagem, contos, metáforas, analogias etc. Outro pode ser intuitivo e não querer saber de



retroagir para saber sua direção intencional; outros agem pelo que consideram mais importante; o seu movimento de reorganização de sua estruturação se torna acompanhável pelo trabalho terapêutico.

Do mesmo modo precisa acontecer a observação sobre modos de ser que tenham o aprendizado, as descobertas, o conhecimento de algo como funcionamento prioritário; ou ainda modos de reconstrução, análise indireta ou expressão de seu ser no mundo como forma de vida singular; seja unindo-se ou se distanciando de situações e pessoas; indo ou não em direção às suas emoções.

Aprendendo constantemente, nos atendimentos e na intersecção com a outra pessoa, percebemos e nos admiramos com a singularidade de cada caso e comigo mesma diante de cada um deles. Uma combinação entre *ser mulher* e terapeuta que somente na prática clínica é possível vivenciar, observar que esta teoria retrata a prática, descobrir caminhos enquanto caminhamos, errando e acertando como seres humanos normal, na busca de refinarmos, cada vez mais, o ser terapeuta, enquanto também mulher.

Ser mulher, professora de Filosofia Clínica e buscas acadêmicas

E em se tratando de teoria, o papel existencial de professora de Filosofia Clínica, via a intersecção entre estruturas de pensamento, em sala de aula, é uma realização enquanto *ser mulher* em um coletivo diversificado para os mais diferentes gêneros, idades, formações acadêmicas e culturas locais, o que enriquece o nosso jeito de estar no mundo pelos aprendizados resultantes destas mesmas intersecções.

O momento em que a isto se antecedeu diz respeito a uma sempre bem-vinda história de vida e a uma busca acadêmica, a qual se configurou e continua se configurando como um processo com pausas que insinuam continuidade, levando em consideração minha mulheridade na formação deste conjunto de combinações interligadas de papéis existenciais que aprendi a fazer fazendo. Digo isto por esta parte não acontecer em linha reta, mas ela continua viva e com importância de elemento de composição deste mesmo conjunto.

Desde uma infância, na cidade de Itabuna, Bahia; perpassando por Tobias Barreto, interior de Sergipe; à amada e admirada capital sergipana, Aracaju, local a que nos



sentimos pertencente, houve uma educação com um apreço pessoal pela área da linguagem, à área das Humanas.

E assim passei no curso de graduação em Filosofia Licenciatura na Universidade Federal de Sergipe, onde me envolvi com estudos filosóficos com muita satisfação e onde, no 2º período, ouvi falar, pela primeira vez, em Filosofia Clínica, pela divulgação de um grupo que entrara em sala de aula, anunciou um curso e saiu.

A partir disso, somente depois de graduada voltei a ter contato com esta área e de maneira a somente ter notícias por meio de uma revista que parou em minhas mãos.

Enquanto isso, conheci a Filosofia da Linguagem através de aulas sobre Wittgenstein, o que muito me chamou a atenção por antes ter assistido a uma apresentação sobre ele. A matrícula na disciplina foi intencional e eu visava a fazer uma monografia sobre o tema, mesmo sendo ela facultativa. E assim aconteceu: uma pesquisa orientada por doutor da área e em Wittgenstein, que tivera como título “A concepção de Filosofia como atividade terapêutico-gramatical de Wittgenstein”, em 2008, cujas ideias foram apresentadas na UFS, UNIT/SE, USP e UNICAMP.

Após esta fase, tivemos conhecimento da Psicologia Analítica Junguiana e nos tornamos terapeuta junguiana, como continuamos sendo. Além deste fato, a partir do momento em que entrei na pós-graduação em Filosofia Clínica, acompanhava as aulas lembrando-me da Filosofia de Wittgenstein enquanto associava conceitos e percebia diálogos ou fundamentações na clínica filosófica.



O interesse aumentou e o estudo sobre linguagem se tornou uma contribuição importante para a minha dissertação de mestrado, orientada pelo professor-doutor Marcelo Pertussatti, sendo ambos os cursos realizados no Instituto Sendtko de Ensino Superior, o qual já era coordenado pelo professor-doutor e filósofo clínico Gilberto Sendtko, cuja vivência foi rica em diferentes significados.

Damos ênfase ao que passamos a conhecer aqui como Analítica da Linguagem, reconhecendo que fora notória (e continua sendo) a sua influência em nossa formação acadêmica e em como o mundo me parece e em intersecções de estruturas de pensamento, pois os jogos de linguagem são formas de vida, cujo funcionamento se dá por sua



vivacidade, e não apenas por um conjunto de regras previamente estabelecidas. Estas passam a se formar enquanto vão se significando na prática cotidiana.

Fica mais fácil entender que cada grupo profissional tem seu conjunto de ética, inclusive a Filosofia Clínica. Mas, nem sempre, está tão claro assim, como em aglomerações informais, como as familiares - como elas se dão, o que geralmente acontece e é permitido ou não por e para cada pessoa presente; ou como um grupo de amigos(as) se encontram e acontece sua interação. Podemos mencionar e criar inúmeros exemplos, pois todos(as) trarão regras implícitas ou explícitas construídas com o passar das mesmas práticas. Do mesmo modo acontece com o ser mulher no mundo; há questões diferentes das de ser homem e isto aprendemos a observar de alguma maneira e em algum grau de percepção ou entendimento.

Este conhecimento nos ajuda a vermos a influência de Wittgenstein na Filosofia Clínica e no ser mulher, porém não de um modo engessado; mas, sim, na leitura de Lúcio Packter, adaptada à clínica, onde importa o que traz a(o) partilhante.

Já em sala de aula, ajuda-nos a percebermos os jogos de linguagem de cada aluna(o), da turma e do funcionamento que se forma na intersecção entre as estruturas de pensamento com o corpo docente, tornando uma rica forma de vida.

Atualmente, além de atendermos on-line como filósofa clínica (não tendo deixado de ser terapeuta junguiana), ministramos aulas de Filosofia Clínica, como professora convidada do Instituto Mineiro de Filosofia Clínica, em parceria com a professora-doutora e filósofa clínica Ana Cristina da Conceição, professora titular no mesmo Instituto.

A experiência está sendo muito ampla e enriquecedora e eu me percebo muito grata pelos aprendizados, neste trabalho docente, tanto por ele retratar pluralidades formadas por singularidades, quanto por ser conduzido por mulheridades, algo integrador ao modo feminino de existir.

No mais, levando em consideração que cada pessoa tem um modo de ser, o nosso modo acontece em junção com o nosso modo de *ser mulher*, pois há uma convicção de que o *ser mulher* está em tudo o que vivenciamos, pois percebemos que traz aspectos próprios de ser, agir, fazer e sentir etc. por ser mulher, pela mulheridade, algo que é reforçado pela Filosofia Clínica pelo primado da singularidade, mesmo em meio a tantas pluralidades.



Ser mulher e mãe

Sou mulher e mãe de meus projetos e realizações e de ideias que tenho e pelas quais me responsabilizo, o que não desmerece em nada o ser mãe de pessoas, papel existencial que também admiro.

Com outras palavras, este é o meu modo espontâneo de ser enquanto mãe, o que inclui continuar tais projetos em Filosofia Clínica, com a dedicação de cuidado tanto comigo, quanto com outras pessoas com quem eu entrar em intersecção, e de qualidade preferencialmente positiva, primando pela abertura, pelo compromisso, criatividade, alteridade e respeito aos diferentes mundos.

Deste modo, estou gestando ou criando e acompanhando meus(minhas) belos(as) filhos(as) chamados ideias, projetos e realizações - de maneira autêntica.

Considerações finais

Ao nosso ver, a Filosofia Clínica acolhe as mulheridades em sua base, por esta primar pela diversidade, pelas diferenças entre mundos existências, e isto em minha Estrutura de pensamento, relaciona-se ao que há de acolhedor e cuidador, ao acompanhamento dado à pessoa partilhante para ajudá-la, em sua dor, sem invalidar sua autenticidade, ao mesmo tempo que potencializando.

É um caminho acolhedor de vivência de questões que se associam a mulheridades como a minha, em meio às pluralidades e singularidades.

